

Começos de outra comédia que
denominarei:

**A IMPOSSIBILIDADE DA SANTIFICAÇÃO;
OU A SANTIFICAÇÃO TRANSFORMADA**

PERSONAGENS

C-s.²

Caixeiro

V. A.

Viúva

Chefe de Polícia

Capitão

Rubicundo

Caixeiro

Malévola

Uma voz

Outra voz

Furriel

Senhoras

Hircano

Revocata

Amélia

Planeta

Rapivalho

Helbaquínia, *escrava.*

Bipedal, *amo.*

Rivaleda

Faniquito

Ignota

Caranguejo

Ostralâmio

Brasilisca

Rabalaio

Um Coronel

Radinguínio

Bárrio

EXPLICAÇÃO

Existia em certa cidade da província de São Pedro do Sul um homem, cuja vida desde sua infância foi digna do maior respeito e atenção. Ocupou diversos cargos depois de sua maioridade, sendo forçado a deixar o último porque cheia sua cabeça de Luz Divina, começou a profetizar!

Nascido em uma das vilas da mesma Província, teve por pais pessoas assaz honradas e Avós — assaz notáveis; estes, europeus; aqueles, brasileiros. Casado na idade de 27 anos, com uma moça de 22, natural da mesma cidade, filha de certa viúva e de educação assaz esmerada.

Dedicados ambos por algum tempo à distinta profissão de Diretores da mocidade, a morte da mãe da esposa os fez deixar esse ora incômodo, ora apazível trabalho. Se, porém, deixaram de lutar com as crianças, nem por isso deixaram de o fazer consigo mesmos com outros indivíduos. Tornaram-se em vez de maiores amigos do que dantes eram, os mais encarniçados inimigos. — Não admira: o marido estava Divino; a mulher não passava de humana.

A mais encarniçada luta se travou entre esta e aquele: tudo quanto o marido pedia-lhe era negado; dado ou apresentado justamente o contrário do que ele desejava. Desesperado de não poder ser compreendido pela mulher que por alguns anos havia feito, senão as delícias, que seu viver o satisfizesse, disse-lhe em certo dia: Sra., se não quereis como outrora amar-me e obedecer-me, tendes em vós a maneira de o conseguir — retirai-vos; deixai-me em paz.

A mulher, compreendendo a falta de forças para dominar um homem resoluta a tudo fazer para não continuar a sofrer, retirando-se, levou consigo os queridos filhos, que tanto entretinham e suavizavam a vida de seu esposo.

Retirado este homem da vida ativa (*ou mundana*), por algum tempo, neste estado dedicou-se com a maior disposição ao estudo do Direito Pátrio e da Escritura sagrada. Produziu admiravelmente sobre todos os assuntos; revelando em sua vida, em suas obras, em seu procedimento, em tudo finalmente — Patriotismo jamais visto; — e os desejos, os sentimentos, as conquistas as mais nobres e ele-

vadas, altas e sublimes, por tudo quanto tende ou pode fazer a felicidade, não só deste ou daquele torrão; mas da Humanidade em geral.

Pensai vós que este homem ainda assim passava uma vida tranquila e feliz? Que nada lhe faltasse à sua subsistência? Que possuía uma bela casa, criados, e tudo o mais que lhe era necessário à continuação de felicitar os outros e a si próprio? Pensais que seus direitos eram sempre respeitadas? Enganai-vos: os homens acharam poucos todos esses benefícios e por vezes exigiram tanto que quase o levaram à tumba.

Depois de haver habitado com diversas pessoas, porque a falta de dinheiro, sendo entretanto rico, a isso o compelia, assim que pôde alugou casa e chamou para sua companhia uma escrava que até então vivia a jornal.

Fez a esta preta, para não incomodá-lo, milhares de promessas, sendo uma das que mais desejava — a conferição de sua liberdade, logo que a posse de todos os outros seus bens, ou a ocupação de algum emprego cujos rendimentos fossem grandes, lhe permitissem dispensar de seus trabalhos gratuitos.

Suporá alguém que foi assim bem servido? Labora no maior engano! Foi em parte pior, entendeu que o maltratando e desgostando, mais depressa chegaria a seus fins.

Foi assim que numerosas vezes deixou-o sem roupa para mudar, tendo-a em quantidade — mais que suficiente; e impossibilitando-o por isso mesmo muitas outras de sair à rua, quer para tratar de seus negócios, quer para fazer visitas, passeios, etc.

Contraíu dívidas durante esta vida quase de peregrinação, devidas às violências feitas a seus direitos, quer de propriedade, quer pessoais: seus credores por vezes o apuraram (*ainda que poucos, e de não grandes quantias*), porque sempre viveu o mais economicamente que é possível: referirei aqui os fatos acontecidos tais quais se deram, de certo tempo em diante.

ATO PRIMEIRO

Cena Primeira

- UM CAIXEIRO** *(entrando, para C-s., que aparece só em uma sala)* — Eis a conta de seu débito na loja, e uma letra para o Sr. assinar.
- c-s.** — Diga a seu amo que eu não assino documento algum, sem examinar primeiro a conta que o Sr. acaba de entregar-me; feito porém isso, nenhuma dúvida haverá em passar-lhe um documento, que não será Letra, visto que estas obrigam de modo a pagar-se de um dia para outro; vendendo-se para isso os bens que forem necessários! Será portanto um Fica, ou um Crédito... .
- CAIXEIRO** — Bem; eu levo a conta, visto que está com recibo; e patentearéi o que me diz a meu amo.
- C-S.** — Sim, Sr.

Cena Segunda

- C-S.** — Estimo muito *(à entrada de um velho Amigo)* que V. Ex^a haja gozado a mais perfeita saúde.
- V. A.** — Nem por isso! Tenho padecido de reumatismo; peso e fraqueza cerebral, devido sem dúvida ao peso da atmosfera; creio que me irei embora. .. sempre doente. . . sobrecarregado de trabalho. .. mas hoje nem disso pude cuidar!
- C-S.** — Sinto profundamente que V. Ex^a tenha sentido ainda os menores incômodos em sua necessária saúde! Não usa de algum medicamento com que costume combater esse mal?

- V. A. — Não: e além deste, estou hoje padecendo dor em um dente!
- C-S. — Para combater esse mal, usam uns água de colônia; eu porém dou-me melhor com o creozote³; é remédio que em cinco minutos me cura radicalmente: talvez seja evidente para V. Ex?
- V. A. — Não faço nada; dói-me por algum tempo e depois passa-me.
(*Entra a viúva de um Brigadeiro.*)
- VIÚVA (*depois dos cumprimentos do costume*) — Venho entender-me com V. Ex^a sobre minha passagem para o Rio de Janeiro a fim de tratar de negócios a que tenho direito como viúva de militar.
- V. A. — Eu não sei se a Lei permite isso; enfim, eu verei; e se o que quer puder ser, farei.
- C-S. (*para a viúva*) — V. Ex^o é filha do Exm^o Sr. Visconde de São Leopoldo?
- VIÚVA — Não Sr.; sou mulher do brigadeiro Gabriel; nem dessa família sou parenta.
- C-S. — Ah! Conheci muito; pois não? Pois sendo V. Ex? viúva de um brigadeiro, que por tanto tempo serviu, depois como empregado da Secretaria da Presidência (*não sendo abastada como julgo não ser*) parece que deve merecer a atenção de S. Ex^a
- VIÚVA — Eu até tinha mandado aqui antes um Alferes falar a este respeito, um Capitão veio, mas penso que nada disse a tal respeito!
- V. A. — Apresentou-se, eu lhe disse que havia de partir para Buenos Aires, parece que teve medo, não me falou nisso.
- VIÚVA — Peço licença a V. Ex? para retirar-me.
- V. A. — Pode contar com a passagem na primeira ocasião oportuna.
- VIÚVA — Agradeço muito a V. Ex^a (*retira-se*).

- C-S. (para V.A .) — No último vapor, Exm^o , não vieram notícias extraordinárias?
- V.A. — Não; nada de extraordinário! O que há de mais novo é que as câmaras abrem-se no dia 4 do mês p. f. e nós temos de trabalhar por espaço de seis meses, e que já temos dez encouraçados.
- C-S. — Oh! muito me alegra, Exm^o — que a nossa esquadra vá melhorando! Escrevi há dous. . . para mais de três anos, que esta devia subir a quarenta ou cinquenta navios — prontos para em qualquer momento combater, e também que o nosso exército devia subir a quarenta ou cinquenta mil homens, a fim de não sermos ludibriados por quaisquer dessas repúblicas com quem limitamos! E é minha opinião que todos os males sofridos nas nossas fronteiras são devidos à incúria, ou à imprevidência dos governos. Há muito que todos os habitantes da fronteira exigem oito ou dez mil homens bem armados para que os brasileiros que habitam do outro lado não sejam roubados, surrados e assassinados, e o governo nunca quis atendê-los.
- V.A. — É verdade! Mas não foi com o meu voto; os deputados desta Província, os senadores — são poucos para lutar com os numerosos de outras; é a causa desse mal.
- C-S. — Mas se os Ministros exigissem das câmaras, certamente votariam! Logo, a culpa é do Poder Executivo, ou Governo — como costumamos chamar.
- V.A. — É verdade. (*Batem nove horas.*)
- C-S. (*levantando-se*) — São horas de retirar-me. Peço a V.Ex^a as suas ordens, e que disponha de meu pouco préstimo.
- V.A. — Muito agradecido!
- c-s. — Peço a V. Exa. que não tenha o menor incômodo! (*Retira-se para o gabinete immediato, em que estão um chefe de Polícia e um capitão .*)

Cena Terceira

- c-s. (*para estes*) — Aqui trabalham suas Senhorias? . . .
- CAPITÃO — É verdade, Queria puxar uma cadeira e sentar-se.
- c-s. Não; eu quero estar mesmo em pé.
- c. — Nós estávamos conversando aqui sobre um particular. . .
- c-s. — Pois queira continuar: vim só ver. São bem bons estes gabinetes; aqui trabalhou o General Andreia, naquele (*apontando para o lado oposto*) o Sr. Pimenta Bueno (*retirando-se*). Boa noite!

ATO SEGUNDO

Cena Primeira

- c-s. *(em seu escritório, passeando; entra o amo do caixeiro de quem atrás falámos, a quem chamaremos — Rubicundo.)*
- RUBICUNDO** — Oh! Sr. C-s.! Tenho a mais subida honra em encontrar V. S^a (*senta-se*).
- c-s. — Já sei: recebi os seus recados e a conta que fez o obséquo de mandar-me; e pode ficar certo de que se o não tenho satisfeito, é porque me tem sido impossível — porém, logo que possa, fique descansado e seguro de que o farei.
- O Sr. não satisfaz porque não quer. O que custa escrever meia dúzia de linhas?
-
- c-s. — Ao Sr. que está continuamente comprando, vendendo, pagando e recebendo, e por consequência escrevendo. . . borrando papel como creio, nada custa ou nenhum embaraço pode encontrar em borrar em vez de quatro ou cinco folhas de papel — seis ou oito! Eu porém que escrevo, que penso e medito para fazê-lo, que tenho necessidade de raciocinar e discorrer, e que preciso estudar os fatos, conhecê-los, escolher os termos com que mais convém expressar as ideias. . . enfim, compor, não um bilhete ou uma carta, mas uma comédia, romance ou tragédia, um discurso sobre moral, política, religião, ou alguma outra ciência, não posso nos momentos em que estudo — estar sendo interrompido; nem mesmo nos em que sendo!
- R.** — Qual! eu sei; eu sei. ..

- C-S. — Já disse que pode tranquilizar-se a respeito.
- R. — O caixeiro até me disse que o Sr. não queria passar...
- C-S. — Pois fique sabendo que não disse a verdade!
- CAIXEIRO (*entrando*) — O Sr. disse sim!
- C-S. — Menino, se você estava ébrio quando me falou, eu não tenho culpa! Eu não costumo mentir nem por graça, nem por necessidade; porque a não tenho!
- R. — Hei de mandá-lo citar!
- C-S. — Pode mandar uma dúzia de advogados e outra de procuradores; não receio!
- R. — Cá hão de vir!
- C-S. — Além disso a conta que me apresentou não está exata; tem demais certa quantia!
- R. (*com maneiras mui grosseiras*) — Pois abata, e diga-me quando hei-de mandar cá o caixeiro.
- C-S. — O Sr. revela bem pouca educação! É bem mau amigo! Já lhe disse que em tempo lhe hei-de pagar ou mandar o documento que me pede, e o Sr. insta e repete a mesma cousa uma dúzia de vezes!
- R. — Vá-se embora daí...
- C-S. — Há pouco disse que o Sr. era mau amigo; agora dir-lhe-ei que é um grande malcriado! Um ordinário, que só com duas bofetadas eu poderia fazê-lo conhecer-me!
- CAIXEIRO — o Sr. _____
- C-S. — Cala-te, cachorrinho! Não seas atrevido!
- R. — É com que o Sr. me paga.. .
- C-S. — Paga o quê — Sr. Miserável? Convidou-me para ir à sua casa; afetou ser meu amigo; fez-me milhares de oferecimentos para comprar-lhe, jurando que eu pagaria quando eu quisesse; que não me incomodaria por isso! E agora, por uma porcaria que lhe devo —

exigir-me documento; manda três, quatro e mais vezes à minha casa — sem necessidade! Trai-me ou atraíçoa-me! Isto, só de um calha.

R. *(encaminhando-se para um canto)* — Só com uma tranca. . .

C-S. *(puxando um revólver)* — Sim; e eu com uma bala em teu crânio! Já; rua, infames! *(Apon-tando-lhe a arma; vão saindo amo e caixeiro.)*

Cena Segunda

MALÉVOLA *(entrando, para C-s., a quem encontra Psndo)'*
— Vmcê conhece o indivíduo negociante a quem atacou hoje!?

c-s. — E tu sabes dizer-me quem mora aqui nesta casa imediata?

M. E o Sr. *(com malignidade)*, que se importa com os seus vizinhos?

C-S. — Oh! muito, filha!

— Já lhe disse que sei; para que quer saber? Ê padre!?

-s. — Olha que te excomungo!

M. — Não tenho medo das suas excomunhões!

C-S. — Pois está excomungada!

M. *(fazendo um movimento extraordinário com a cabeça, e dando um grito de dor)* — Meu Deus!. . . perdoai-me. . . ele é o Padre Santo! *(Cai de joelhos a orar com as mãos postas.)*

C-S. *(entra em um quarto; logo depois voltando, pega nas mãos, depois de a haver benzido pelas costas — duas ou mais vezes.)* — Eu te suspendo, mulher maligna, a maldição de que foste digna. Retira-te, porém, de minha presença; e nunca mais ouses vir insultar a quem só se ocupa em promover o bem geral de todos *(a conduz pela mão até à porta, e Malévola retira-se.)*

- OUTRA voz — As mulheres todas querem ele; e ele diz que elas o querem fazer frade.
- C-S. — Há pouco lembrei-me e repeti os versinhos incompletos que produzi certo tempo e que existem não sei por onde. Querem me fazer de frade; eu, frade — não quero ser. Aborrecido de ler. E também de escrever. Em que me hei-de entreter. De que modo hei-de eu viver?! Pedi uma patente, ofereceram-me uma espada! Aceitei a espada: mas esqueceram-se de dar-m'a. Era entretanto o que mais me convinha para completar o meu destino sobre a Terra — Grande. . . ou sábio, forte e poderoso — pela pena, pela palavra e pela espada! Assim parece até certo ponto ter sido Napoleão I. São raros os homens que se distinguem por estas qualidades, são entretanto as que eu mais desejo possuir, e jamais perdê-las, enquanto o meu corpo viajar por cima do Globo que habitamos. Tantas vezes hei tentado experiências entre as comidas e as mulheres, e ainda me não foi possível conseguir sua prática. A que será devido? À preguiça de mim? Não! à gulodice?. . . Também não. à falta de resolução ou disposição necessárias? Também não! A não combinar pelo espírito antes de procurar aquelas que me devem servir?. . . Também não, porque tudo isto tenho feito, tudo isto tem-se dado. Então de que provêm estes fatos? Qual a causa que os origina? Quem estorva? Ninguém é capaz de responder satisfatoriamente. Eu responderei assim: Poder maior que o do homem e da mulher. . . ou que o de um homem e de uma mulher — impede. — E qual será esse poder? Onde existe? Em minha refletida opinião é — Deus; existe em Deus! Quantas reflexões me ocorrem para destruir — ou provar o nenhum valor, ou força, ou vigor de quaisquer argumentos em contrário! Para cada um, teria quatro ou cinco!. . . Diversas direções tenho querido dar à população porto-alegrense. . . falo dos homens e nas mulheres. Primeira — acabar a prostituição, o adultério — pela prática do casamento de direito; e do simplesmente de

fato. Segunda — enviar cartão com o número da casa e nome da rua à Sra. que deseja a companhia deste ou daquele homem. Terceira — liberdade de irem elas à casa do homem que desejem, como fazem na Turquia, visto que os aleitamentos e os convites puramente espirituais raras vezes têm bom êxito. Quarta, finalmente — os cartões podem expressar visitas amorosas ou de amizade, com uma das palavras — Amor, Amizade. . . Ora, de que me havia eu de lembrar agora? Que todas as vezes que tenho feito algum presente, o entrego com palavras que claramente o patenteiam; ou o remeto com iguais expressões à pessoa a quem eu quero obsequiar. E penso que assim devem proceder todas as pessoas bem educadas (*sai*).

Cena Terceira

- c-s. *(voltando e logo depois mui de vagar entrando duas mulheres* — Levantei-me tarde, não saí à rua até as 7 da noite? a essa hora vesti-me e saí em busca de um objeto que me considero e me creio indispensável! Todo o dia o tive em mente. Em vez do que procurava encontrei outro talvez melhor. Convidei a passear, ofereceu-me entrar; apareceu e desapareceu, jurando-me vir a esta minha habitação. Substituída por alguns minutos entretanto por uma velha impertinente com quem entretive o seguinte colóquio:
- VELHA — O Sr. queria alguma cousa?
- C-S. — Não Sra: passei; encontrei esta jovem na janela; perguntei-lhe onde morava.
- VELHA — Pois então há-de dar-me licença, que quero fechar a porta.
- c-s. — Não; é cedo... Agora há-de ouvir mais: escuta: perguntei-lhe como se chamava; não me respondeu; se era desta casa; disse-me que morava na Rua da Varzinha: se queria passear comigo; respondeu-me perguntando se eu queria ver a Sra. Belisa. . . ou Elisa. Apare-

ceram-me diversas mulatinhas, umas sérias, outras rindo-se de contentes expressando — Agora lhe referimos tudo; quando quiser pode fechar a sua porta. . . Eu precisava entretanto certo Anjo tão belo quanto singelo! Como este, milhares de outros fatos se têm dado; de modo que eu deveria — renunciar à coroa de brancas, verdes, louras, azuis, etc. E assim me resolveria a proceder, se o isolamento ou a vida assim me fosse agradável; ela o não é, nem creio que jamais possa ser. É contrária à minha atual organização, e tanto basta; forçar-me a tal é forçar-me a uma pena! Além disso — é viver forçado, e de conseguinte — contrário à natureza humana! e repetirei — tanto basta para ninguém querê-la. Deus não aprova! O que lucrará a Humanidade com meia dúzia de folhas escritas?! e o lucro em escrevendo-as!? Parece-me um tempo verdadeiramente perdido. Entretanto, tenho sido e ainda vou sendo forçado a essa pena ou perda! Qual será e quando se me dará a compensação desta perda?! Será amanhã, depois, passado um mês; quando? E qual? Só Deus o sabe!. . . Ah! recordo agora a promessa que fiz em 1863 — ilustrar meus semelhantes até completar um século de existência neste globo de argila! (*Aponta para o chão por dois minutos e cai o pano.*)

ATO SEGUNDO

Cena Primeira

(C-s. e um Furriel)

- c-s. — De que província é Vmcê?
- F. — Da Bahia.
- C-S. — Está há muito nesta; e dá-se bem nela?
- F. — Sou camarada do General Lobo.
- C-S. — De onde vieram há pouco?
- F. — Do Rio de Janeiro.
- C-S. — Para onde seguem?
- F. — Ainda não sabemos; ficava bem satisfeito se continuássemos aqui.
- C-S. — Sim; tem razão; outrora haveria muita indisposição entre os filhos desta Província e os do Norte; agora porém é ao contrário: amam-se todos como verdadeiros irmãos. Não haverá mais revoluções no Império, o sangue brasileiro não será jamais derramado pelos próprios filhos da mesma Nação.
- F. *(batendo-lhe num ombro)* — À saúde de nosso futuro e engrandecimento, paz e prosperidade interna e externa — vamos tomar um copo de magnífico, velho e superioríssimo champanha! *(Saem por uma porta e entram algumas Sras. por outra; sentam-se.)*
- HIRCANO** *(libertino, com vestes de padre, entrando)* — Boa noite, minhas muito amáveis, amabilíssimas e encantadoríssimas Sras.

- ELAS *(espantadas e sorrindo-se)* — O Sr. que quer aqui? Quem é?
- H. — Ora o que quero, e quem sou? Boa pergunta. Sou solteiro; vi aqui tantas moças. . . quero casar-me; entrei para ver se alguma me agrada! Agora perguntarei também: as Sras. quem são; e o que querem?
- ELAS *(com vozes trêmulas)* — Nós somos... *(fugindo)* mulheres; e o Sr. é homem. . . apesar de suas vestes, temos medo; vamo-nos embora. . .
- H. — Então já vão? Tão depressa? Esperem, ouçam, escutem, venham cá. Olhem! trouxe-lhes um bellissimo, magnífico presente!... Não querem? Então — rejeitam!?
- ELAS — Não; não! *(safam-se espavoridas)*.

Cena Segunda

- PLANETA *(entrando com alguns livros e papéis na mão direita, um bengalão na esquerda, e batendo no chão)* — Isto não vai bem! Não há certo encadeamento de ideias!. . . Para havê-lo seria necessário também haver de mulheres velhas, meninas, moças e de crianças! Outros dizem que é misteríssimo — de comidas; outros que o é de — bebidas! Eu, porém, nego os fatos. Parece-me mais exato que fosse necessário ou encadeamento ou relaxamento de mulheres para que qualquer produção possa ser boa. . . se é uma só obra, deve ser uma só mulher; se diversas produções em um só livro, diversas mulheres ocupadas com um só homem! De cada uma escreve-se um pouco; e assim compõe-se uma obra. . . Outras reflexões: Dois grandes poderes parece-me que se debatem, e muito se hão debatido. Um, para tornar o > homem que tomou o título — Corpo-santo — impecável. O outro, ou parte dele — para destruir todas as leis da moral e da religião! Ora triunfa este, ora aquele! Parece, porém, agora que ambos se ligam, se combinam, e trabalham para o conseguimento de fazer com

que as leis da Igreja ou de Deus, e as civis ou humanas, tenham o mais completo e brilhante triunfo sobre todos que as contrariam e que as querem inutilizar. Feliz será o povo que tal conseguir, glorificado o Governo que tal determinar, que tal praticar. Já um Governo inteiro caiu por não compreender que eram seus primeiros deveres — respeitar e fazer respeitar os nossos direitos individuais como homens, os nossos direitos de propriedade, como senhores e possuidores e os de chefes de nossas casas, como Pais de família e de seus administrados! e todos quantos subirem que assim procederem cairão, até que reconheçam — seus primeiros e mais sagrados deveres... Sem Lei; sem Moral; sem Religião. Eu o juro — Não há Nação! É viver sem luz, sem vida e sem ação. Seríamos um rebanho de ovelhas, ou uma tropa de animais — estes nos campos; nós pastando no Mundo! O que há de mais valor sobre a terra que a família de um homem!? Que devem fazer as Autoridades quando sabem, por queixa ou pedido de um brasileiro distinto — que sua família foi-lhe roubada!? Cruzar os braços? Nunca! Providenciar desde logo para que imediatamente seja-lhe entregue, ou posta à sua disposição. Ao contrário, em vez de edificação, só veríamos destruição! Leiam na História Geral, pátria e sagrada, os Governos; e isto verão e disto se convencerão! É claro que quem comete os crimes é por eles responsável; [são] os únicos que devem sofrer as penas que os mesmos merecem. Jamais inocente algum deve pagar por pecadores. Deus não é; nem pode ser bárbaro! Quando Jesus Cristo disse: Eles julgarão conforme a carne, é porque nenhum pecado encontrou nos que adulteram, ou comunicam-se com mulheres levados pela recíproca inclinação e força dos espíritos! Se porém forçamos a carne contra a vontade própria, ou da mulher que nos serve — é indubitável a existência do pecado. E nem podia ser de outro modo Os fatos diários o provam. (Á parte.) Esta doutrina é de Comédia. Se

a Autoridade pratica um ato contrário à Lei, ou com leve perda para a Nação, em proveito de algum particular, saiba ou não saiba que há transgressão, esse fato é desculpável, e quiçá haja ocasiões em que possa ser louvável. Contudo a Autoridade, qualquer que ela seja, deve ter por norma, em primeiro lugar a Lei, em segundo a razão, em terceiro a Justiça. Com este procedimento, não há Autoridade infeliz ou censurável. Aham-se escritos deste lado (*pondo a mão aberta do lado direito da cabeça*) pensamentos que devem ser escritos em outro lugar, entre as máximas ou mesmo reflexões; quer por sua natureza, quer pelo que exprimem. Muito tem influído para a prática de numerosos atos da minha vida as minhas filhas, especialmente a voz da mais velha, que a uns antecede, a alguns determina, a outros preside. É certo que todos os que vivem como Jesus Cristo e seus Apóstolos, derramando ciência ou trabalhando em proveito público com a pena, com a palavra — jamais devem gastar dinheiro, sem que recebam; tanto para alimentarem-se, como para vestirem-se; e mesmo para serem de um teto abrigados. . . Os incômodos que passam os que assim o gastam — arraigam-me esta crença: tais entes nada deviam gastar, mas terem quem lhes apresentasse — tudo que carecem! Assim foi sua vida e parecem destinados a assim viver todos os que o imitam, que assim vivem, por não terem mulheres, como Ele e seus apóstolos. Será que para termos ciência não devemos tê-la? Ilusão! Tantos têm uma e outra coisa! . . . logo, este mundo é incompreensível! E direi mais: é um enredo em que todos vivem e de que só a morte os safá! É um mistério que ninguém decifra — para os que vivem sem ela! Parece — indecente — andar um homem honesto metido por bibocas; acho também irrisório. Mas também parece-me que viver — sem mulher, é viver sem mulher; com a diferença que quando elas cosem, bordam, criavam ou picam-os os homens escrevem ou pen-

sam! e a falta de seu contacto muitas vezes os potrifica! . . .⁵ Vive certo indivíduo em Porto Alegre, como viveu um ano ou mais em uma das vilas desta Província, sempre pensando em mulheres; em umas para se entreter, em uma para casar. Ora esta, ora aquela, era objeto de seu pensar. Devia desde logo tentar o casamento, e, se o não realizasse, buscar então alguma com que se entreter. Note-se: procurava sempre mulheres desembaraçadas, isto é, que não viviam com seus maridos, por sua infidelidade, solteiras ou viúvas. E agora vive sempre a pensar com qual se há-de entreter, para não entristecer nas longas noites de **luar**. E assim há-de passar longo tempo sem casar, quem sabe! E se ele for casado, como há-de ser?! Ai, nisso é que está a questão ou a dúvida. Quanto ao mais, seria nada. E se ele tiver filhos, filhas? Então parece-me ainda mais difficil e intricado o negócio. Realmente, é mui recente o amigo que assim há tanto tempo vive! É tão célebre... e, finalmente, extraordinário! Mas não pode ter marcha certa ou regularidade em seu viver; é este, sem a menor dúvida, anômalo. E isto convirá? Parece que não. Ora não pode vestir certa calça (se ele é prudente); ora não pode comer pão; ora não pode beber chá, ora faz-lhe mal o sair à rua; ora incomoda-se, porque está em casa; ora enjoa as mulheres; ora se aborrece da comida; ora pode escrever; ora o não pode fazer. . . Pergunto: isto convirá? Certo que não. E o que me parece pior é o tal indivíduo ter vontade de prender a seus amores quantas bonitas encontra: casadas, solteiras e viúvas! 15 um estado anormal do homem, que entretanto, não praticando atos de escândalo, em nada o estorva da normalidade para por todos ser considerado em seu estado normal ou de perfeita saúde. E as razões mais fortes e poderosas para assim ser considerado é não haver em si má intenção, nem ter culpa alguma desse viver! Ninguém, pois, o pode condenar; mas sim todos louvar. Algumas mulheres são ideias; outras, inteligência; muitas, ilusões; a

maior parte, distrações! Se o pensar me faz penar! em quê? (*pergunta-me alguém que não vejo, mas que ouço*) em querer mulher ou mulheres; respondo. Com as comidas do hotel me emporcalho! e não dou. . . procuro certas mulheres, e não escrevo; e parece limpar-me com outras. É que as do hotel são ou serão prostitutas; e as outras não! Pelo menos é de supor isso. O que, porém, é verdade é que me sinto, às vezes, quase sempre nervoso e acanhado, comendo em casa; mas isto é às vezes; não sempre. Mas também o que é fora de contestação é que o gozo das mulheres me tem trazido numerosos incômodos; e a falta deles não pequeno, senão maior número! Agora pergunto: Convém tê-las; gozá-las; ou desprezá-las? Eu queria pedir. . . ou dizer: Responda-me Deus, ou o diabo. A esse tempo ouvi, e ainda estou ouvindo: desprezá-las; desprezá-las; desprezá-las. Essa voz é quase sumida; quase extinta; mas é de homem ou de ente masculino. Todo o Sr. deve ser obedecido! Se o não é, também não se pode considerar tal! Aqueles ou aquelas que querem ser seus, ou suas, devem satisfazer os seus pedidos, exigências, ou determinações.

REVOCATA

(mulher de 80 anos, com D. Amélia, jovem de 50," entram e cumprimentam a Planeta.)

PLANETA

(*sajando-se e à parte*) — Tenho mais medo destas velhas com presunções de moças, que de quanto raio e corisco existe lá pela eterna Glória!

Cena Terceira

REVOCATA

- Aproveitaremos, minha cara amiga, o dia chuvoso de hoje para conversarmos sobre o gosto dos homens. Os homens, minha menina, são tolos! Só querem meninas de 15, de 20, e quando muito de 30 anos. Desprezam as outras mulheres, muitas vezes mais apreciáveis que estas.

- AMÉLIA — É verdade; eu também assim penso: pois até a mim que tenho 35, que sempre brilhei (*enxugando uma lágrima*), estou hoje desprezada por D. Micaela, porque conto meus 35. Só por ela ser mais moça, quando eu, é certo, que sou mais bonita! Não é assim, minha cara amiga?
- REVOCATA — Não tanto, minha boa Amélia. A Sra., segundo meus cálculos, já deve contar seus 52!
- AMÉLIA — Cinquenta e dous?! Com efeito: a Sra. então está esquerda. Seja como for, eu não era digna de ser desprezada. Ainda assim mesmo, com essa idade, ainda tenho qualidades de tão subida importância; de tanto valor social ou para a sociedade, que devia entrar no número das mais consideradas.
- REVOCATA — Apoiado, minha amiga; eu digo o mesmo; e conto pouco menos que oitenta!
- AMÉLIA — Mal sabem eles, minha amiga, que nós não passamos de casas; e que assim como entram em uma casa velha, por outra nova, nelas param, saem, etc, assim também podiam entrar em nós, sair, estar o tempo que lhes aprouvesse.
- REVOCATA — Ah! ah! ah! que lembrança! Que comparação bem feita, minha querida amiga. Só mesmo a sua capacidade e inteligência podia produzir tanto, e tão bom.
- AMÉLIA — Pois o que somos mais nós, minha querida Amiga?
- REVOCATA — Não, menina (*dispense-me tratá-la assim, visto que sou mais velha!*), isso não é sempre assim; pelo menos. . .
- AMÉLIA — E eu estou convencida que é!
- REVOCATA — Pode ser! o mundo melhora todos os dias; novas cousas aparecem; assim como se renova quanto aos entes, também se renova quanto às cousas.
- AMÉLIA — Não há que duvidar, minha querida amiga, o que digo é incontestável.

- REVOCATA — Inda a Sra. talvez não saiba de uma cousa; e é que bem poucos homens conhecem que os que mais adulam as mulheres são os que mais facilmente as gozam: sendo adulão, faz delas o que quer.
- AMÉLIA - Sei; sei, minha amiga; mas não são todas, nem todos. Há algumas que querem antes desprezo para amá-los e respeitá-los.
- AMÉLIA — Pode ser!
- REVOCATA — É, é, minha querida amiga! E vou-me embora. Adeus; até logo!
- RAPIVALHO (*entrando, para Revocata*) — Oh! Sra. Condessa! V. Exa., a primeira geógrafa. . .
- REVOCATA — Ah! pensa que eu gosto de elogios? (*Sai.*)
- RAPIVALHO (*olhando para o Céu*) — Aqueles que vivem de janela são continuamente visitados. Passei ontem uma boa parte do dia doente; operou-se uma revolução em minha cabeça, como as que costuma haver na atmosfera. São cousas bem incômodas a falta de dinheiro, de mulher e de empregos; de bom emprego! Dinheiro, em primeiro lugar; ocupação ou emprego em segundo, se for necessário — mulher. . . mulher. . . em terceiro. Estou querendo compor, escrever alguma cousa e não me lembro o que há-de ser: ficará portanto para depois. Devia ter ido pagar o almoço e o hotel. Que desarranjo. . . e o caso é que não sei quando este cessará. Que diabrura! Compus ontem alguns versos de que hoje me não lembro; e assim vamos. . . onde porém chegaremos? a que ponto tocaremos?... É incrível... é bem esquisita a minha vida. Pergunto: o que é a razão no homem e na mulher? Entendo por razão — o procedimento conforme ao do geral dos entes da espécie humana. Falta desta, ou do uso desta — os atos ou ações contrárias. Vamos tomar chá, e à mesa proseguiremos.
- (*Sai. Entra Helbaquínia — criada que quer fazer de ama; cálculos, projetos sozinha.*)

Cena Quarta

- HELBAQUÍNIA — Meu amo ordenou-me que viesse cedo; mas se eu fizer assim, eu sou criada, e não ama! E eu que antes quero ser uma Sra. que criada, hei-de vir tarde! Assim fazia eu com o outro, e é como passava melhor; é preciso incomodá-lo, senão tenho que passar mal; quero passar meu bem. . .
- BIPEDAL *(amo, ouvindo-a por trás de um bastidor)* — Vai preparar-me um banho, enquanto eu vou fazer a barba *(sai)*. *(Entra novamente, ora refletindo, ora passeando.)* Eu juro pelos Céus que avistamos, pelos Globos que distinguimos, que nunca mais esta escrava criada há-de querer fazer de ama! *(Sai.)*
- HELBAQUÍNIA *(entrando)* — Não vê mesmo que o tal meu amo — senhor há-de tomar banho todos os dias! Esta seria — muito bonita... eu não tomo banho senão de quinze em quinze dias e ele há-de acostumar-se a acedíssimo viver do mesmo modo!
- BIP. Já preparaste o que mandei-te fazer? Puseste no meu gabinete?
- HELBAQUÍNIA Eu... eu, tinha; mas não: lá não há bacia nem água.
- BIP. *(levantando a bengala e dando-lhe pela cabeça)* — Vê se achas água, criada Senhora! Depressa, depressa; sim; sim, procura; vê a bacia! *(A criada corre, sacode os vestidos, agarra a bengala; etc. etc; e sai.)* Tomem portanto lição de exemplo todas as que tiverem iguais desejos — de passar de escravas a Sras., de criadas a amas. Há indivíduos a quem as contrariedades obrigam a suicidar-se; outros a embriagarem-se; outros a mudarem de lugar; outros a enlouquecerem: a mim, às vezes a rir-me, em outras a espancar! Dizia certo indivíduo que entretanto gozava dos maiores respeitos, quando outros talvez gozassem de mulheres suas. . . Mas sempre prejudicado em seus direitos. . . Ninguém, devendo, pode go-

zar tranquilidade! Não convém tratar de alheios negócios sem que hajamos antes conseguido os nossos. Não sendo os meus escritos um composto de mulheres, é preciso acabar com estas Sras., pois receio ficar também mulher... (*Entra uma.*)

- RIBALEDA — Oh! Sr. Bipedal! Que faz aqui? Esqueceu-se de nosso contrato?
- B I P — Mulher! (*zangado*) deixa-me viver tranquilo. . Estou cansado, aborrecido, indignado contra tudo que veste saia e quer viver como homem!
- R. — Não levei a chave. . .
- B I P. — Que chave?
- R. — A de dentro.
- B I P. — Não continues a esquecer-te mais da chave; ao contrário, esquecer-me-ei de que tu tens cabeça. (*Toma de um prego uma chave, dando-lh'a*) Pega, leva; abre e espera-me. (*Entram alguns homens e Sras.*)
- FANIQUITO (*um dos concorrentes*) — Estou saudoso, Exmas. . . (*Para uma das Sras.* — *Ignota*) de ouvi-la tocar e cantar: faz-me agora essa graça, honra ou obséquio?
- IGNOTA — Pois não, Exm^o, se eu pudesse, com o maior gosto.
- F. — Então por que não pode, minha estimada Sra.?
- IG. — Porque estou realmente incomodada.
- F. — Também sou médico. Posso portanto saber sua enfermidade?
- IG. — O Sr. não pode curar!
- F. — Então, que espécie de enfermidade é, que sendo eu médico a não posso curar?
- IG. — Ora, é uma enfermidade que eu só sei, é cousa nova; não lhe digo porque não quero que o Sr. aprenda.

- F. — Com efeito, não esperava que V. Exa. fosse tão cruel.
- IG. — Cruel, eu? Em quê?
- F. — Ainda é mais que cruel — é tirana. É cruel porque, se o dissesse, pudera ser curada, mais útil às pessoas que a V. Exa. tivessem a fortuna de conhecer, e com isso poder-se-ia fazer alguma experiência que aproveitar-se-ia com a descoberta de algum novo medicamento.
- IG. — Ora, Sr. Dr., eu não quero; não posso; nem devo servir para provas.
- F. — Pois faz bem mal!
- IG. *(levantando-se e muito zangada)* — Quer saber uma coisa? — não estou mais para o aturar *(levantando o braço e o lenço, dá com este pela cara do Dr. em Medicina.)*
(Ao mesmo tempo conversava outro com outra Sra.; com uma mui espirituosa menina — D. Basilisca.)
- F. *(para Basilisca)* — Minha Sra., acho-a tão parecida com certo amigo meu. . .
- BASILISCA — Quem? Sr.!
- F. — O Coronel. . .
- BAS. — É verdade, Exm^o; eu sou filha desse oficial do exército brasileiro.
- F. — E tem tido de seu Pai notícias?
- BAS. — Ainda há pouco algumas cartas.
- F. — Passa bem?
- BAS. — Perfeitamente, Sr. . .
- F. — V. Exa. frequenta as aulas?
- BAS. — Fui examinada em primeiras letras, Desenho, Música, Geografia e História; e agora. . .
- F. — Agora deve ler, ao menos, Filosofia e Retórica, a fim de fazer quase o curso completo de preparatórios.

- BAS. — Esforçar-me-ei para consegui-lo.
- F. — Assim o creio; seu Pai é uma espada distinta; V. Exa. o igualará pela pena!
- UM CIRCUNSTANTE (*para outro*) — Há ou não há baile hoje?
- O SEGUNDO CIRCUNSTANTE Como há de haver, se o Santo ainda não tem mulher?
- CARANGUEJO (1º) — Oh! pois é preciso que um homem tenha mulher para haver baile, presente ele!?
- OSTRALÂMIO (2º) — Pois então; quem há-de ser visavi⁷dele?
- CARA. — Esta é boa! Então os meninos que dançam têm mulher? Os velhos têm mulher?!
- OSTR. — Não sei; o que porém é verdade é que está introduzido o costume de não ir a baile quem não tem mulher, ou ao menos moça.
- CAR. — Pois fique certo que é a maior asneira que se há introduzido! tanto mais que os bailes devem ser dados para os que não têm, escolher!
- OSTR. — Eu...
- CARA. — Já sei: tenho razão, não é assim?! É o que o Sr. quer dizer! está feito. É melhor portanto em vez de dizer que é porque o Santo não tem mulher, dizer — é porque eu não quero! O Santo não veio preparado com aquela dama com quem eu desejava que viesse; e por isso eu não quero que pessoa alguma dance.
- OSTR. — Apoiado! muito bem!
- RABALAI O (*para um Coronel*) — Ilustríssimo! Veio passear à capital da Província, como há pouco foi à capital do Império?
- CORONEL — É verdade. Alguns afazeres, não passeio propriamente dito.
- RAB. — Sim. V. Exa. é o pai do povo entre o qual habita. Não é fácil sair dentre seus filhos, senão por urgente necessidade!

- CAR.** (*levantando-se*) — Visto não haver baile, passemos-nos para a sala de jogo.
- TODOS** — Bem lembrado; vamos entreter-nos por duas horas com as cartas, gamão, etc. (*Passam-se.*)
- RIDINGUÍNIO** (*entrando, na qualidade de sócio*) — Ilustres cavalheiros do hábito ou Rosa! como passam suas senhorias? (*Silêncio profundo.*) Ah! ninguém fala? Jogarei o bilhar! Talvez que, como todos são mudos, sejam também sem braços para empurrar o taco, e com ele a bola! Ninguém se levanta?! São piores que frades quando comem, estes Senhores quando jogam as cartas. Pois jogarei só; sozinho... Ah! já sei a razão: estiveram de baile masque esta noite; por isso estão ainda tão cangados que nem ao menos podem dizer — Não queremos; ou não podemos. Continuem, mudos, que eu farei todas as bolas. (*Depois da primeira carambolada.*) Convencido de que devo sair todos os dias de manhã, e mesmo, tendo que fazer em casa deixo muitas vezes de o fazer; e depois, já se sabe — sempre me arranjan-do!. . . Já agora distraíamo-nos com as bolas.
- BÁRRIO** (*criado da Exma. Baronesa d'Holdeudorfe, para Ridinguínio*) — Eis esta carta que lhe envia minha Ama.
- R.** (*abre esta*) — Tenho entre mãos certo trabalho, em que o espírito de V. Exa., muito bem influído, ou em cujo exercício o meu pensamento tem estado constantemente impregnado na pessoa de V. Exma. É por isso que, não havendo inconveniente, como creio, desejava eu ter o prazer de o praticar pessoalmente por alguns minutos. O que aprazendo-lhe, ficarlhe-ia totalmente grata, dignando-se mais marcar dia e hora para tal entrevista. Como sempre assino-me de V. Exa. mais subida amiga — B. d'H.
- RIDINGUÍNIO** (*para o público*) — Não há dúvida, comecei por Comédia e acabo por Romance! Representar-se-á portanto em todo o mundo habitado, pela primeira vez, uma novíssima peça

teatral tríplice, chamada — Comédia, Romance e Reflexões! (*Bate nas palmas até cair o pano.*)

Por — José Joaquim de Campos Leão

Qorpo-Santo

Porto Alegre, fevereiro de 1866.

NOTAS

1. Na "Explicação", que precede o texto dramático, o elemento confessional patenteia-se de modo inusitado. O A. relata aí o seu conflito doméstico em termos confusos. Assim, em lugar dos "começos de comédia" prometidos no título, temos nesse trabalho de Qorpo-Santo mais um testemunho da perturbação mental que o dominava em 1866.
2. C-s., como consta do texto, são as iniciais de *Qorpo-Santo* na ortografia corrente.
3. Forma oitocentista de *creosoto*. V. Eduardo de Faria, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1878 (5a. ed.).
4. No meio de tantas reflexões desconexas ou prosaicas, este passo nos dá um conceito existencialista da vida como absurdo.
5. Assim no texto. Deve ser uma gralha tipográfica: *petrificar* está em lugar de *petrificar*.
6. Assim no texto.
7. Aportuguesamento da locução francesa *vis-à-vis*. No texto, alusão aos pares que ficam em frente um do outro na *quadrilha*, dança hoje em desuso.